

Ana Santos. *Fabulário*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2019. 89 p.

A obra *Fabulário* de Ana Santos, recentemente publicada pela Confraria do Vento, no final de novembro de 2019, solicita ao leitor que traga em sua bagagem, simultaneamente, um olhar afinado, perspicaz e perplexo com as sutilezas aparentemente insignificantes da vida e também ofereça aos poemas uma alma lúgubre, tomada de saudades. Assim é *Fabulário*, uma coleção de poemas que sugere como *leitmotiv* a recriação sensível e poética do passado, iluminando detalhes cotidianos, lembranças, cenas, configurando uma perspectiva de realidade que procura ontologicamente não explicar o ser e o mundo, mas significar poeticamente a existência no tempo (in) finito: “Num poço fundo, afogam-se/ as fadas dos contos./ Tombadas/ casa e amoreira, nada resta/ nesse chão de ervas daninhas.” (p. 20)

Na reconstrução de um tempo/lugar longínquos, presentificados metaforicamente pelas composições imagéticas que edificam seus poemas, Santos subverte o topos do *locus amoenus* da Antiguidade. Sua poesia não encontra sítios aprazíveis em suas lembranças, mas sugere que há qualquer coisa de desalento, de tristeza nos lugares revisitados pela memória e sabe que a passagem do tempo tudo transforma: “A vida inteira/ é quase nada./ Não verei/ as auroras nos polos, as noites luzentes/ nos desertos./ Mas posso deitar/ no campo, ao relento,/ sonhar com florestas,/ lembrar os cimos das montanhas:/ a travessia/ que faço até mim.” (p.16)

Ao longo da obra, instaura-se uma visão de mundo melancólica, escavada nas memórias e expressa por poemas perplexos diante de uma profunda sensação de finitude e perda. Algo foi perdido e era realmente importante. As cenas de *Retrato de Família* testemunham esse sentimento, visto que “O avô finge ler contos de fadas,/ um

volume pesado e púrpura/ que ele aproxima/ dos olhos iletrados. [...] Saias secam no varal. / Uma libélula/ invade a cena.[...] A luz recorta e guarda/ o rosto de minha mãe. [...] ‘o breu consome tudo’, disse a avó/ naquela manhã; consumiu também/ aquela manhã./ O açúcar não adoça/ a língua amarga do tempo.” (p.20).

Esta é a terceira obra da autora que desde sua estreia na literatura tem recebido premiações. O livro de contos *O que Faltava ao Peixe* (2011) foi agraciado com duas premiações em 2008: a Bolsa FUNARTE de Estímulo à Criação Artística, na Categoria Criação Literária e o segundo lugar no financiamento do Fumproarte. Em 2017, publica seus poemas em *Móbile*, com o qual foi finalista do Prêmio Açorianos de Literatura de 2018. Esta última, *Fabulário*, na categoria poesia inédita, recebeu o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura em 2017.

Compondo a maior parte dos poemas com versos livres e brancos, a autora divide sua obra em três momentos, nessa ordem: *Museu Mínimo*, *Microcosmo* e *Fabulário*, este, homônimo ao título. O conjunto da composição fixa um lirismo atravessado por várias vozes, mostrando as múltiplas faces da condição humana que, a despeito de toda dor que emana de sua efêmera existência, persegue nas memórias a ilusão da eternidade. Em seu dilema, o sujeito-lírico segue em frente e navega sob a tutela de um capitão cego que lançou ao mar todas as bússolas: “Era louco e cego/ o capitão/ do bergantim vermelho --/ ele lançara ao mar/ todas as bússolas. [...] A princesa quisera/ esse naufrágio, uma casinha/submarina:/ para o abismo,/ o cego/ conduzia o bergantim.” (p.84).

Em *Museu Mínimo*, os sete poemas são apresentados de forma a compor cenas líricas que insinuam um movimento cíclico e paradoxal da vida. O texto inicial é “Poema Rupestre”, sugerindo um retorno às origens dos signos, da vida, pois “na caverna do corpo”/ gravamos um grito: somo ágrafos, não mudos. [...] “comove-nos /a infância de tudo.” (p.13). No poema seguinte, “Cartografia”, são desenhados mapas de caminhos possíveis, pois “O planeta desmembra-se/ em quebra-cabeça/ infantil --/ é preciso montá-lo, / resgatar as peças/ perdidas. ” (p.15). Nos poemas subsequentes, o recurso é a criação de efeitos de aproximação, como um *zoom* avizinando lonjuras,

revelando as pequenas e singulares cenas cotidianas, como denotam os próprios títulos de cada poema: “Retratos de família” (p.19), “Super 8” (p. 21), “Curtas” (p. 23), “Palimpsesto” (p. 25).

O fecho dessa primeira parte, “Sonhos”, instaura-se em um universo onírico, mergulhado em sentimentos de desolação e de pessimismo, já que não são sonhos de projeção para um futuro, mas sonhos povoados de tempos idos e dolorosamente ausentes: “Outra vez movimento as/ teus joelhos doridos:/ à música/ de um gramofone, / danças como dançavas/ quando a vida era boa. / [...] O rapaz que amavas,/ redivivo,/ adentra o salão/ trazendo açucenas./ [...] Sobre o soalho,/ caem tuas túbias.” (p. 27).

Na segunda seção, em *Microcosmo*, ao longo dos vinte e dois poemas, há uma multiplicidade de vozes decorrentes da confluência de vários gêneros os quais dão vazão à pluralidade de imagens de momentos anímicos que surgem como flashes, anulando o tempo presente, transformando o tempo do poema em atemporalidades, dimensões contíguas, simultâneas, porque muito mais do que lembranças, são memórias presentificadas pela força do sentimento poético.

A intensidade expressiva dos poemas é reforçada pelos processos de composição que levam em consideração a relação entre o literário e o não-literário, abrindo espaço na tradição cultural das formas poéticas para as manifestações textuais do cotidiano. Desse modo, cartas, anúncios, decretos, listas, decretos, discursos, orações são manipulados e trabalhados artisticamente, produzindo efeitos semânticos inusitados, atestando que as incursões por estruturas que costumeiramente não participariam da poesia resultam em uma elaboração estética em diálogo com a contemporaneidade de poetas que provocaram rupturas nos procedimentos artísticos.

A cena lírica da obra abre-se para os processos de intertextualidade na alusão a textos, a personagens da Bíblia, da mitologia, dos contos de fadas, como, por exemplo, em “Discurso de um louco em praça pública”, em que o sujeito lírico, na voz de um louco, discursa: “Em fila, os anfíbios/ seguem meus guizos:/ sou o rei dos sapos-bois,/ o flautista de Hamelin! [...] vou montando, nu em pelo,/ este cavalo andaluz:/ sou a Lady Godiva,/ o cigano *bailaor* [...] Antediluviano,/ persisto/ como o azul das asas/ da

Caligo morta. [...] Este é o jardim/ de Getsêmani./ Por que me deixam?/ Por que não me veem/ chorar? (p. 50). A similaridade nesse recurso de linguagem produz um efeito de sentido que ratifica, antiteticamente, a ideia de finitude também recorrente na obra, visto que são delírios insanos, portanto, improváveis.

Assim, *Microcosmo* é a república de um sujeito lírico, lúdico, louco, um rei que quebra as máquinas e as transforma em brinquedos; que proíbe vender a alma em postas; extingue o medo e depois de criar esse mundo, não vê mais necessidade de que haja um senhor.

A terceira parte, *Fabulário*, composta por cinco poemas, mantém-se alinhada à temática principal da obra. Não há alento para uma alma exausta de vazios, há solidão e loucura, temas recorrentes que parecem legitimar o mundo distópico que aprisiona a existência. Nestes versos de “Conto Infantil”, por exemplo, está presente a infância sem sonho, sem encantamento, porque “Às vezes sumiam/ o corcel e o príncipe;/ o cristal dos sapatinhos/ quebrava-se em mil pedaços. [...] A borralheira chorava/ a falta de sua mãe./ Não por seus andrajos,/nem porque varria.” (p. 85).

O lirismo da obra *Fabulário* espia por uma janela o que poderia ter sido; pelas vivências, o que foi possível à alma experienciar. Esse movimento dialético insere a poesia em um *continuum* de diálogo atemporal. É interessante observar que o já citado poema de abertura “Poema Rupestre” e o de encerramento da obra “Antiparábola” são especialmente emblemáticos. Chama a atenção que em ambos há um desalento que emana pelos versos de uma lírica agri-doce, altamente subjetiva, mergulhada em uma bidimensionalidade temporal: passado e presente contíguos embaralharam-se na espacialidade dos poemas. É possível ler, nas metáforas desencadeadas pela seleção vocabular, a matéria da memória percorrendo as uterinas raízes do ser: “caverna/corpo” em “Poema Rupestre” e “caminho/casa”, em “Antiparábola”.

Em “Poema Rupestre”, nas duas estrofes compostas por três e cinco versos, respectivamente, há um eu que busca nas profundezas do “corpo/caverna” as origens dos signos num tempo ágrafo, em que o canto desenha pelas paredes a dor, o medo, o desconhecido: “caverna/corpo/ grito/mudo/voz/calar”. O trabalho antitético e

metonímico sugere o anseio pela busca de respostas, das raízes, não em um lugar externo, mas da zona mais profunda da própria subjetividade.

Da mesma forma, na outra ponta da trama, em “Antiparábola”, as duas estrofes compostas por cinco e quatro versos procuram mais uma vez uma infância (tempo) que se perdeu no caminho da vida e quando retorna, percebe que não há mais tempo, o ciclo da vida e da morte nas cinzas do pó ao pó retorna, entrelaçando o elo entre a vida e a morte. Nessa “antiparábola”, o filho pródigo encontra a casa (lugar de origem) em chamas, subvertendo a moral da parábola original e recriando poeticamente a dialética da (im)possibilidade do retorno à matriz: “Cedo, saí/ para brincar/ e me perdi no caminho,/ envelheci/ no caminho. [...] Volto exausta, ao fim/ de muitos anos: boneca/ nos braços, adentro/ a casa em chamas.”(p. 89).

A obra de Santos, entre suas geografias, seus territórios de subjetividade, sua arqueologia de singulares momentos versa-se em um código simbólico que alcança átomos de universalidade e convida o leitor a explorar sua cartografia interna. Nascida nas páginas de seu projeto de dissertação de mestrado, realizado na PUC-RS em 2017, esta produção poética demonstra uma peculiar sensibilidade no tratamento dado aos temas recorrentes, à construção das imagens e ao cuidado na tessitura da linguagem.

Suzana Pagot

Universidade de Caxias do Sul (UCS)